



[Atribuição BB CY 4.0](#)

## **QUAL A PRÓXIMA PORTA ABERTA? QUE SABER DE MESTRE SE FAZ PRESENTE AO CHEGAR AO GRANDE AUDITÓRIO?**

Makota Kidoialê – Cassia Cristina da Silva<sup>1</sup>

### **Resumo**

Trago uma reflexão sobre minha trajetória de professora e Mestra na formação do programa Transversal do Saber Tradicional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pensar que o amor sempre volta para casa, traz a certeza que todos os dias

---

<sup>1</sup> Makota Kidoiale é filha carnal de Mãe Efigênia Maria da Conceição (Mametu Muiandê), fundadora do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, comunidade tradicional de matriz africana de nação bantu localizada no bairro Santa Efigênia, região metropolitana de Belo Horizonte (MG). Como militante, mulher negra, liderança quilombola e de terreiro de axé, ela tem experiência na articulação e mobilização de diferentes seguimentos representativos da população afro-descendente de Belo Horizonte – capoeira, Umbanda, Reinado, Candomblé, quilombos – em torno das lutas por igualdade racial, contra a intolerância religiosa e todas as formas de discriminação. Kidoiale é presidente da Associação de Resistência Cultural da comunidade quilombola Manzo Ngunzo Kaiango, certificada via autorreconhecimento como Remanescente de Quilombo pela Fundação Palmares no ano de 2004. Também é diretora de mobilização do Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira (CENARAB). Atua ainda como coordenadora cultural do Projeto Kizomba, iniciativa sociocultural desenvolvida por membros do Manzo e direcionada para as crianças e jovens negros, associando capoeira, canto, dança, percussão, estética e identidade étnico-racial. Deste modo, a trajetória de Kidoiale encontra-se estreitamente ligada à luta pelas ações afirmativas, ao combate à intolerância, ao racismo e ao preconceito, bem como à busca pelo reconhecimento e valorização da diversidade religiosa afrobrasileira, dentro do terreiro e fora dele. Sua atuação e capacidade de articulação política têm se tornado visível a partir da sua participação em diversos espaços públicos e projetos, nos quais ela vem contribuindo de maneira decisiva para apontar alternativas na construção de um novo olhar com relação à diversidade e à diferença. Participou como assistente de Mametu Muiandê na UFMG em 2016 e 2017 na disciplina “Catat folhas: saberes e fazeres do povo de axé”; e como mestre em 2017 na disciplina “Pensamento e ação comunicacional em comunidades tradicionais”. E-mail: [kidoiale@hotmail.com](mailto:kidoiale@hotmail.com)

dentro da universidade, eu embebeço do saber do meu povo e gozo de prazer por saber onde brota esse conhecimento.

### ***Palavras-chave***

Kilombo Manzo. Saberes tradicionais. Encontro dos saberes. Pensamento contracolonial.

Recebido em: 30/03/2025  
Aprovado em: 11/06/2025

433

# ***WHAT IS THE NEXT DOOR THAT OPENS? WHAT MASTER KNOWLEDGE IS PRESENT WHEN YOU ARRIVE AT THE LARGE AUDITORIUM?***

## ***Abstract***

I bring a reflection on my trajectory as a teacher and Master in the training of the Transversal Program of Traditional Knowledge at the Federal University of Minas Gerais (UFMG). Thinking that love always returns home, brings the certainty that every day within the university, I soak up the knowledge of my people and enjoy the pleasure of knowing where this knowledge springs.

434

## ***Keywords***

Kilombo Manzo. Traditional knowledge. Meeting of knowledge. Countercolonial thought.

## *Assim me vale sempre saber: “O amor sempre volta pra casa”*

No início do programa Transversal dos Saberes Tradicionais da UFMG, fui convidada por uma mestrande: Fernanda Oliveira, ela fazia parte do Núcleo de Estudo Quilombola (NUQ), que conheci durante um pedido de ajuda contra a intervenção violenta e racista da prefeitura de Belo Horizonte contra a minha comunidade Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango - Kilombu Manzo, localizado no bairro Santa Efigênia – BH. Vivenciamos todos os medos, misturado a vergonha de sermos uma família negra de terreiro. Fernanda me convida para participar da primeira disciplina do Saberes Tradicionais da UFMG, eu nunca havia entrado em uma universidade, mas precisava entrar por essa porta, por sentir que já não havia qualquer saída. A sensação era de que a prefeitura construiu um muro invisível e muito alto, que só era visto de dentro da comunidade. Nesse convite iria eu e minha mãe, e mesmo Fernanda nós acalmando, e toda a equipe da coordenação do curso terem criado uma aproximação de nós, a gente ainda sentia insegura.

Nós não foi feita pra esse lugar não, o que que a gente vai falar lá, acho que num vou não, minha filha, você inventa que passei mal, pra eu não ir, tô com medo desse povo, isso está muito bom pra gente, onde se viu, eu nem estudei direito, você também não minha filha, eles estão dizendo até que vai pagar a gente, o que que Fernanda tá inventando.

Foi essa a frase repetitiva de minha mãe, mas eu com o mesmo medo, encorajava ela, porque essa era a única porta aberta para nós, e tínhamos que ser rápidas, porque muitas outras pessoas como nós, poderia passar por essa porta, e ela fechar, e nunca mais abrir para nós. Eu já ouvia da equipe, um burburinho de que estava difícil levar os mestres de BH para o programa, era mais fácil convidar os mestres de longe. Mas o medo sempre foi nosso maior sentimento pelas as pessoas de fora, me nutri de coragem, e lembrei da fala do preto velho Pai Benedito, de que era preciso falar a língua do branco, pra eles entender que esse território é terra de pretos.

Lembrei também das vezes que queria estudar, frequentar escola, mas nunca ninguém quis aprender o meu saber de tradição, nunca consegui contar as nossas histórias, apresentar a nossa ciência, nem pude falar dos cantos, danças, e dos batuques, que despertavam nossa ancestralidade em nosso corpo, nunca pude falar do bem das ervas, a escola me silenciou, até que um dia eu decidi sair,

voltei já na adolescência, e percebi que tudo na ciência muda, menos a ciência da escola.

Nessa época, eu falava muito de minhas mandingas, a escola fazia sinal cristão pelas minhas costas, então percebi que a escola era como as pessoas eram, uni, enquanto nós pluri. Ir a universidade seria também o caminho de volta à educação, para fazermos um acerto de contas, e ela devolver ao nosso povo, os valores e reconhecimentos do que acreditamos como princípios para nos evoluirmos enquanto humanos.

Assim gente foi, eu de mãos dadas a minha mãe, invertendo a lógica de que a mãe leva a filha, segurei firme as mãos de minha mãe e a levei, sem deixar ela e ninguém perceber o meu medo. Entrei nesse universo que é a UFMG, não vencemos o medo dela até hoje, mas criamos uma coragem de búfalo, e permanecemos ali, fizemos elos, com professores e estudantes, aos poucos, começamos a nos abrir, ainda meio desconfiadas, porque só sabia que estávamos ali, não sabia para mais aonde a gente podia ir. Encontrei vários mestres e mestras, com as mesmas inseguranças, mas a gente trocava olhares e uma passava força para a outra. Voltei outras vezes, conheci o professor José Jorge de Carvalho, a quem agradeço muito essa iniciativa, até pensei que ele era um homem Negro, porque foi muito importante a gente chegar naquele momento ali.

Não sou prepotente, mas a gente salvou muitas vidas ali dentro, cada mestre com sua mandinga, a gente fez muito batuque, não agradamos a todos, mas muitos vieram nesse encanto e foi possível acreditar que o saber científico, sempre buscou pelos saberes tradicionais dos territórios. Já não adiantava mais estudar os corpos negros, nossa mandinga era estar na nossa terra em contato com nosso povo, "Paulo Freire comprovou isso, só não disse com as nossas oralidades, porque seria ignorado" e colocava em risco todo seu saber científico pesquisado em África. Ele descobriu a essência na transmissão de nossos saberes, mas não sabia explicar sobre a territorialidade, com nossa ancestralidade.

E difícil a academia aceitar que os pretos velhos continuam existindo, e que são eles que vão retomar a nossa história, para a universidade, somos mestres e mestras, mas o que me dá a possibilidade dessa escrita, é a minha ancestralidade, é o saber, as mandingas aprendidas sentada aos pés de Pai Benedito. Não aprendi muito na sala de aula, fui adestrada para ler e escrever, não vincularam a minha escrita a oralidade, minhas escritas foram para me doutrinar as regras e conceitos de um outro povo, e quando saí da escola retomei

meu lugar no território e hoje está me fazendo doutora de saber notório de um preto velho.

Fernanda continuou e continua até hoje nos incentivando a não retroceder jamais, estou avançando, mas quero chegar até aonde a universidade permitir, e não quero limites, porque meu saber vai longe, e quero nossa educação seja reconhecida pela pedagogia que os tambores desenvolvem na ausência de uma educação formal, quero eu mesma descobrir tudo sobre meu povo, quero ir até a África e mostrar que resisti. Quero sentar com meu povo, e falar para eles, que os pretos velhos nunca nos abandonou desde quando foram atracados de lá, essa é minha conta com a educação.

Para nós mestras e mestres, ainda vemos muros invisíveis, sem saber qual a próxima porta que a universidade vai se abrir para nós, estou com muita dificuldade para preparar meu dossiê, não vejo nenhum empenho de doutores, ou pesquisadores, para com nós, em nos ajudar, parece que eles não perceberam ou não querem perceber que temos pressa. Eles não se preocupam se essa porta um dia pode fechar, para garantir o ir e o vim dos mestres para dentro da universidade.

Estar diante da escrita desse memorial e estar de novo lá na porta criando coragem para entrar, sem saber para onde vamos, em um lugar ainda muito estranho, meu receio é que nessa corrida de reconhecimento, nossos mais velhos não esteja mais aqui, nem mais o nosso povo, se ainda estamos no índice das pesquisas sobre o extermínio do nosso povo, morremos de morte matada, morremos de morte sofrida, para além, corremos de novo o risco de essas portas serem fechadas pela ganância do poder.

Estamos ainda vivenciando o medo, medo dessa busca por conhecimento, que vem destruído a nossa ciência, queremos ser livres sem medo dos doutores, queremos dar as mãos, e seguir esse caminho que nos permite acreditar que todos os dias, podemos voltar para casa, porque as portas vão estar sempre abertas. Nós precisamos perder o medo da escrita, que deveria ser a nossa oralidade, mas não podemos arriscar, mais esquecimento de quem somos, e o que somos, daí precisamos dos acadêmicos, para fazer com que a universidade, nos reconheça, nos fazer reconhecidas como doutoras. Eu não deveria ter que sair do meu lugar, correr o risco de perder meu eu e chegar nessa escrita exigida pela acadêmica, porque quem vai ler, sempre encontrou a porta aberta, porque não entrou como

mestres dos saberes tradicionais, entrou como estudante para ser mestres dos saberes acadêmicos científicos.

E assim estamos, eu e vários outros, à espera dessa bondade, de doutores e doutoras da ciência acadêmica escolherem um ou uma para sermos certificados pela academia pelos conhecimentos da ciência nos territórios tradicionais. Queremos que outras portas se abram para nos sentirmos livres para fazer as escolhas com nosso saber. Eu não quero só chegar ao grande auditório e receber o meu título. Eu quero trazer ele para o meu território e começar a desfazer esse muro, construído pelo medo de quem está atrás dele.

Assim como derrubamos o muro racista no super mercado, na vizinhança, nas escolas, até nos postos de saúde, passamos a serem reconhecidas como mestras da UFMG. Agora preciso que o mundo nos permita também e derrube esses muros e nos reconheça como doutoras. Assim a sociedade, os governantes, vão nos respeitar, e haverá um dia, que vamos sentar à mesa e vamos conversar sobre reparação, sobre um observatório afro-indígena-Pindorama, para que os nossos enquanto alunos, possa se sentir inclusos.

Nossos títulos são para isso, para voltar para nosso território e continuar a nossa ciência, para continuar a compartilhar com a universidade, que pode até continuar com seus muros, mas ninguém lá dentro será como antes, porque as portas vão estar sempre abertas e teremos nossos campus floridos, com cheiro de fumaça, evocando nossos ancestrais também. Nosso território será reconhecido pela ciência plural.

Então eu volto no início e pergunto, após o auditório, quantas portas irão se abrir na universidade e quem dos doutores se arriscam a nos convidar para subir ao palco, botar a nossa banca, e sermos certificados? Quem se arrisca, a nos convidarem a sair da pluralidade e entrar por essa porta da universidade? Qual porta se abre daqui para frente?

Queremos um mundo que as pessoas não sejam distanciadas pela cor, religião ou reconhecimento. Acreditamos que hoje, a universidade tem muitos doutores que querem derrubar esses muros, e juntos todos mestres e mestras, possamos construir pontes, e evoluir nossos conhecimentos.